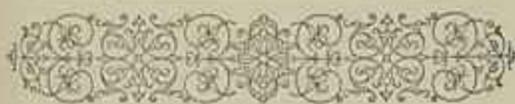


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	10.º ANNO—VOLUME X—N.º 311	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	8130	II DE AGOSTO 1887	LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) . . . . .	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios).	2\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Como os nossos leitores sabem, o imperador do Brazil demorou-se agora alguns dias em Paris, de passagem para Karlsbad, onde, por indicação dos medicos, vae fazer uso das aguas.

Na sua estada na capital da França, sua magestade frequentou o Instituto e a Academia das Sciencias, teve largas conversações com sabios em voga e com litteratos eminentes, occupou-se muito de litteratura e de sciencia, com um grande interesse entusiasta, que lhe fica muito bem, que o torna muito sympathico aos homens de talento e que constitue o lado caracteristico da sua individualidade, em todos os passeios que tem dado pela Europa.

O que sua magestade o imperador do Brazil é no seu imperio, não sabemos: cá fóra, quando deixa o sceptro de imperador pela mala de *touriste*, quando substitue na sua cabeça a corôa imperial pelo chapéo de côco, é o mais expansivo dos cavaqueadores, o mais entusiasta dos *dilletanti* em cousas d'arte, de sciencia e de litteratura.

Desta vez, porém, este seu amor pelas coisas litterarias acaba de ser posto a uma prova seria, por um escriptor francez, que Portugal conhece bem, por já cá o ter visto duas vezes — o sr. Louis Ulbach.

O sr. Louis Ulbach, que não occupando evidentemente na litteratura parisiense um lugar proeminente, é todavia um escriptor distincto e muito considerado, aproveitou a passagem pela França do chefe do vasto imperio do Brazil para tentar conquistar mais uma adhesão para a celebre *união litteraria* de Berne de que elle foi um dos principaes iniciadores.

Effectivamente a coisa é bem tentada, mas duvidamos muito que passe de tentativa, e que as palavras e os argumentos de Louis Ulbach obtenham bom resultado.

O sr. Louis Ulbach é um dos presidentes na *Associação Litteraria Internacional*, d'essa Associação que

ha annos realisou em Lisboa um dos seus congressos annuaes, de que o *Occidente* se occupou em tempo com toda a minuciosidade. A *Associação Litteraria Internacional* tem por fim principal, por fim unico, — e parece-nos este exclusivismo ser o seu grande defeito — a garantia reciproca da propriedade litteraria em todos os paizes.

Creada em França por varios escriptores e por varios editores, tendo à sua frente como presidente d'honra Victor Hugo, essa *Associação* tem corrido mundo, tem andado pelas varias capitais

da Europa procurando todos annos adhesões, angariando proselytos, contentando-se no principio com umas convenções internacionaes muito restrictas, na esperanza de mais tarde obter uma convenção ampla e geral.

Em Portugal, a Associação Internacional, não tirou grande proveito do seu congresso; quando esse congresso se realisou, já havia ha muitos annos uma convenção litteraria com a França, — convenção feita em 1866 pelo sr. conde de Casal Ribeiro e de que o paiz nunca tirou resultado algum, sob o ponto

de vista de interesse nacional, — e a mesma convenção ficou existindo sem se lhe alterar uma virgula, apesar de todos os discursos feitos no congresso.

E longe de censurarmos o governo portuguez pela sua reluctancia em acceder ás repetidas instancias da *Associação Litteraria Internacional*, nós elogiamol-o sinceramente e convictamente pela tenacidade com que se tem negado a satisfazer os desejos d'essa Associação, que visam muito mais a proteger editores, do que a proteger a litteratura.

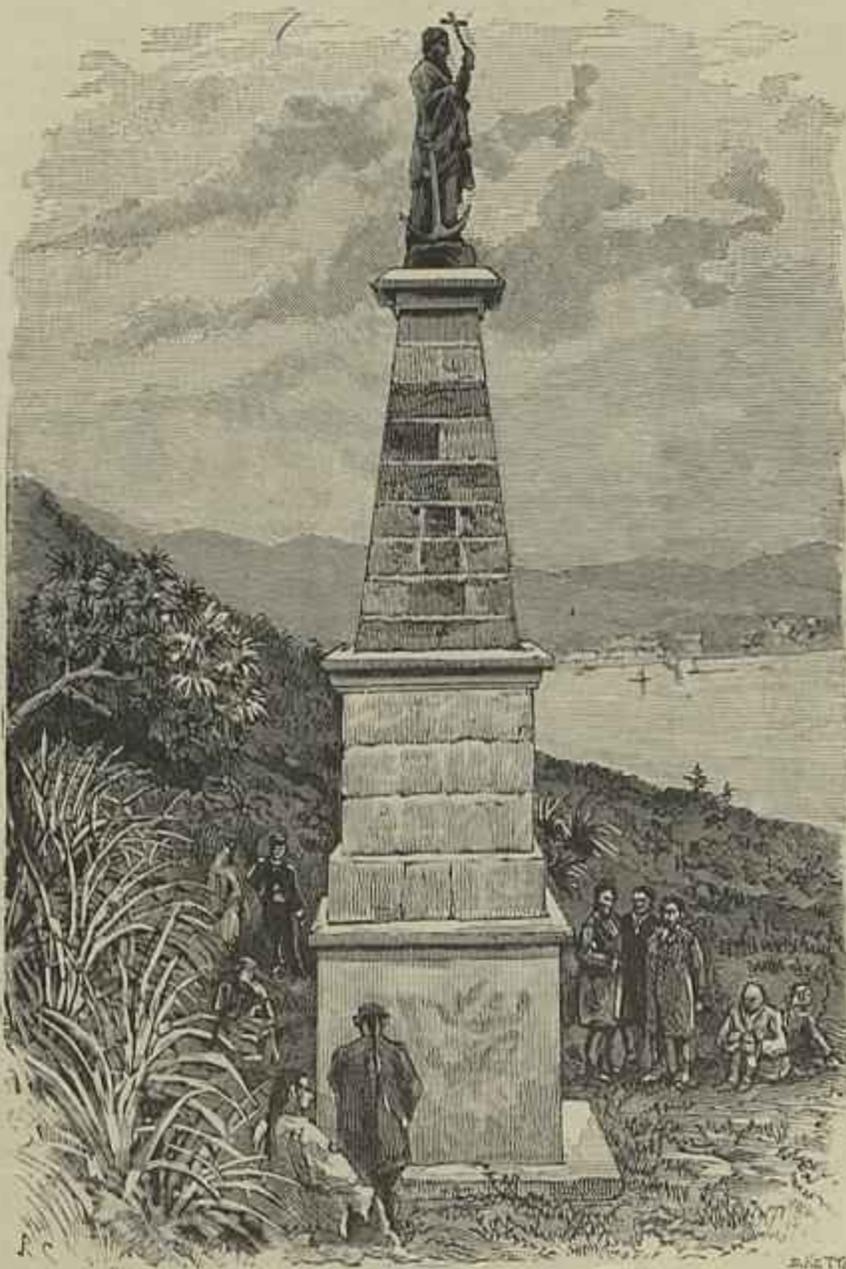
Todas as vezes que os francezes nos fallam em garantia do direito de propriedade, nós respondemos-lhe e com muita logica creio eu, que estamos promptos para isso, mas que primeiro nas arranjem elles igual tratado com o Brazil.

E ahí é que bate realmente o ponto.

Essa coisa chamada *garantia reciproca* que nós temos escripto no nosso tratado litterario com a França não passa d'uma fórmula diplomatica e nada mais. A reciprocidade é cousa que não existe entre nós e a França, é cousa que não existe litterariamente entre a França e paiz algum, porque o francez é rebelde a ir buscar ás litteraturas estrangeiras as suas produções originaes, para as transplantar para a sua lingua.

Isto mesmo tivemos o prazer de ouvir dizer no congresso de Lisboa, por um delegado litterario da Alemanha, que se queixou e com certa justiça, da barreira inexpugnavel que encontravam na litteratura franceza, todas as obras litterarias dos paizes europeus. E desde o momento que isto é assim, esses paizes fazendo convenções com a França, tem tudo a perder e nada a ganhar, porque a tal reciprocidade é cousa que se não dá.

Vejamos por exemplo o



MONUMENTO DE S. FRANCISCO XAVIER, EM SANCHOAN

LEVANTADO NO LOGAR EM QUE O SANTO FALLECEU.—Vide artigo Romaria em Sanchoan

(Seguido uma photographia)

que tem ganho Portugal com a sua convenção litteraria com a França, mesmo incompleta e defeituosa como lhe chamam os francezes?

Durante esses vinte e um annos decorridos desde a data da convenção o que tem a litteratura portugueza lucrado com isso?

Nada, absolutamente nada: e os editores francezes tem lucrado senão mundos e fundos, pelo menos um bom par de contos de reis em direitos de traducção e de representação.

E por isso nós achamos perfeitamente justa a resposta, sempre dada, de que estamos promptos a aceitar convenção mais ampla desde o momento em que nos obtenham convenção com o Brazil, porque é perfeitamente injusto nós estarmos a fazer tratados com todos os paizes d'onde nos não pôde vir nenhum proveito, sem termos um tratado precisamente com o unico paiz com quem elle nos seria largamente proveitoso.

Orá o sr. Louis Ulbach aproveitou a passagem do Imperador do Brazil por Paris, para n'uma carta publicada no *Gil Blas*, lhe pedir—esquecendo-se um pouco de que o imperador só por si nada pôde fazer n'esta questão, e que os tratados internacionaes só pelas camaras pôdem ser sancionados—que faça uma convenção litteraria com a França, á similhaça dos tratados reciprocos que ligam entre si os paizes da União.

E para reforçar os seus argumentos Louiz Ulbach cita largamente Portugal.

«O Brazil está relativamente a Portugal, diz elle, na mesma situação em que estava a França com a Belgica. Ha uma troca perpetua de *contrafacção* para dar um nome um pouco decente a um *empruntemto* forçado que o dictionario qualificaria d'outro modo que a diplomacia.

«Mas Portugal que está prompto a assignar a convenção de Berne, não a assignará senão quando o Brazil a assignar tambem.

«No entretanto aqui tem o que acontece.

«Um dos nossos amigos de Lisboa é correspondente de um jornal brasileiro. A sua chronica paga no Rio é reproduzida impunemente por todos os jornaes de Portugal: e quando elle propõe a qualquer editor portuguez a venda do seu trabalho, este responde-lhe:

«Para que lhe hei de eu pagar um direito, se tenho de graça tudo o que o sr. publica no Brazil!

«E o nosso infeliz amigo não pôde escrever na sua patria onde o seu talento é apreciado e acha-se *contrafeito* pelos seus compatriotas»

Louis Ulbach força aqui a nota: as cousas não se passam precisamente assim, entretanto na sua anecdota ha um certo fundo de verdade. E o escriptor francez continúa:

«Quero citar a V. M. um outro exemplo.

«O seu parente, senhor, o rei D. Luiz é um traductor eminente de Shakespeare. Edita as suas traducções impondo ao seu editor a obrigação de consagrar os direitos que lhe pertencerem a uma obra nacional.

«Mas desde que o livro do rei de Portugal é posto á venda em Lisboa é *contrafeito* no Brazil. D'este modo o regio traductor não é protegido pela sua propria familia contra a pirataria litteraria.

«O Brazil separou-se de Portugal. Porque não se honra elle em levar mais longe ainda a sua independencia, e depender só de si em litteratura como depende só de si em politica?»

A carta é muito longa e não temos espaço para mais transcrições: fizemos apenas aquellas em que Portugal, figura como argumento e argumento justo.

Naturalmente as palavras de Louis Ulbach ficam sem resposta, como tem ficado tantas outras mais eloquentes ainda que as do illustre escriptor francez; e o Brazil escudar-se-ha ainda com a celebre carta de Alexandre Herculano, para se negar a dar qualquer passo no caminho do reconhecimento da propriedade litteraria.

E pena, porque a verdade é que se o Brazil entrasse na união estabelecida pelo congresso de Berne e a que adheriram a Alemanha, a Italia, a Hespanha, a Belgica, a França, a Inglaterra e a Suissa, Portugal poderia entrar tambem n'essa liga, sem sacrificio dos seus interesses litterarios e pecuniarios, e prestando inteira homenagem ao principio, hoje universalmente reconhecido, da propriedade litteraria.

Esse principio, por tanto tempo desconhecido, e por tanto tempo depois combatido violentamente apesar de estar já hoje incluido nos codigos de todos os paizes civilizados, tem ainda restricções especiaes, não conseguiu por emquanto fazer-se inscrever n'esses codigos com a simplicidade eloquente do *projecto de lei* apre-

sentado ha mais de vinte annos por Alphonse Karr:

«ARTIGO UNICO.—A propriedade litteraria é uma propriedade».

E não nos palpita nada, infelizmente, que seja com a transcrição d'esse artigo unico no codigo do Imperio do Brazil, que D. Pedro II responde á carta-artigo publicada por Louis Ulbach no *Gil Blas*.

Em todo o caso veremos... e applaudiremos, se, contra a nossa expectativa, fór essa a resposta do augusto soberano.

Gervasio Lobato.

## ROMARIA A SANCHOAN

Hong-Kong, 21 de maio de 1887.

Senhor Redactor.—Convencido de que não deixará de ser agradável aos leitores do seu esclarecido e mui lido jornal a noticia do que se dá de mais extraordinario entre a familia portugueza d'estas remotas paragens, permitta-me v. que lhe diga algumas palavras sobre a ultima romaria á historica e poetica ilha de Sanchoan, lugar em que, como v. muito bem sabe, viveu depois do seu regresso do Japão, enfermo e falleceu o grande apostolo do oriente S. Francisco Xavier.

As primeiras romarias d'este seculo ao primitivo tumulo do glorioso thaumaturgo, realisaram-se em 1813 e 1815, e só começaram a ser annuaes ou a fazerem-se mais regularmente desde 1864.

Nesta epoca em Sanchoan não havia mais que a eterna e luxuriante vegetação da ilha e dos seus formosos outeiros, na encosta de um dos quaes, do lado N. E. e a distancia de 50 metros, aproximadamente, da praia estava levantado entre maciscos de verdura, o padrão que em 1639 os jesuitas erigiram á memoria do grande santo, consistindo n'uma singela lapide, em posição vertical, e em que se lia, da parte do mar e da terra em caracteres chinezes e romanos, a inscripção seguinte:

*Aqui foi sepultado  
S. Franc. Xavier da  
Companhia de Jesus Apos-  
tolo do Oriente —  
Este padrão se levantou  
no anno de  
1639.*

Circuitavam esta lapide, n'uma area de uns dois metros quadrados quatro paredes derrocadas, que os romeiros de 1864 julgaram ser restos de antiga capella ali, em epocha remota erigida, pela mão piedosa de devotos romeiros, ou quiçá pelos padres da Companhia, o que não está ainda rigorosa e positivamente averiguado; mas corre como certo que os jesuitas francezes n'ella disseram repetidas vezes missa no anno de 1701, chegando um d'elles a afirmar que a sua fundação fóra promovida pelos jesuitas de Macau, no anno de 1700, isto é um anno antes.

Em 1864 (a 20 de novembro) fez o padre Rondina ex-professor do Seminario de S. José de Macau, collocar junto de uma das referidas paredes uma lapide de marmore branco, em que fizera gravar uma inscripção em caracteres simios e romanos, sendo a traducção da inscripção chineza, a seguinte:

*Antiga sepultura do Santo Europeu S. Francisco Xavier, da Companhia de Jesus.*

*Esta lapida foi levantada pelos seus correligionarios no dia 17 da 4.<sup>a</sup> lua do anno Chia-Tzu (Primeiro do seculo 75.<sup>o</sup> reinando o imperador Tam-chi, da dynastia Tz-chim.*

De uma memoria d'esta romaria, que temos á vista, escripta por um romeiro no verso de duas photographias tiradas por aquella occasião, consta que esta lapide fóra «trabalhada e collocada gratuitamente por pedreiros chinas-pagãos, mettendo até alguns d'elles fortes empenhos para isso!...»

Sanchoan demora a umas 65 milhas de Macau e a 85 de Hong-Kong. Tem uma lindissima vista, um opulento arvoredo, bellos e ferteis pomares e arrozaes; e hoje é muito outra do que era no anno a que venho de referir-me, e já em 1879, por occasião da peregrinação que ali se fez, existiam os edificios que se vêem nas photographias que junto envio a v., e que melhor do que a minha modesta penna, darão uma ideia mais perfeita do que actualmente é a ilha.

Foram estas tiradas em 8 de maio do corrente anno, pelo excellente photographo chinez Afong, por occasião da ultima romagem, de que passo a dar-lhe succinta noticia.

As cinco horas da tarde do dia 7 de maio largava o magnifico vapor *Honam*, propriedade de *Hong-Kong Canton & Macau Steam Boat Company*, de seu caes em Hong-Kong em direcção a Macau, com cerca de uns 300 romeiros de ambos os sexos, diferentes nacionalidades, sendo a maioria portuguezes, a seu bordo, e chegava áquella cidade pelas 8 horas da noite do mesmo dia. Partia d'alli ás 11 com mais uns 50 pessoas, e chegava a bahia de Sanchoan ás 5 e meia da manhã, depois de ter estado fundeado ao largo desde as 3 da madrugada, esperando que amanhecesse.

Desembarcamos em seguida, e logo que pozemos pé em terra, rezaram-se umas 15 a 20 missas na capella, que foram devotamente ouvidas por todos os romeiros. Entre estes contavam-se muitos padres portuguezes, italianos e francezes, *Christian Brothers*, irmãs da caridade francezas e italianas, com algumas das suas educandas, um grande numero de chinas christãs de ambos os sexos, e como já disse acima, Portuguezes, Ingleses, Parsos, etc.

A povoação de Sanchoan fica situada quasi no extremo da praia, e a sua população compõe-se de umas 2:000 almas, que vivem da agricultura ou da pesca.

Logo que os residentes avistaram o vapor saudaram-nos com repetidos e estrepitosos tiros de *kaitoca* e correram nas suas champanas a bordo para nos receberem e transportarem a terra, onde nos offererem flores, agua, etc.

Depois de ouvida missa, disseminaram-se os romeiros em grupos pela ilha, aproveitando as 7 horas de demora em visitar a residencia dos missionarios, collegio, estatua do santo, e o mais que Sanchoan offerece de notavel ou se prende com uma data memoravel ou historica.

A capella no gosto gothico, é pequenina mas elegante, e está erguida sobre o terreno em que foi sepultado o corpo de S. Francisco Xavier; não tem sacristia, e no corpo da igreja acha-se a lapide a que já nos referimos, e como dissemos, fóra levantada pelos jesuitas para commemorar o passamento do seu grande e santo correligionario.

A estatua é de bronze, assenta sobre um pedestal de granito, e foi erigida sobre o lugar em que a alma do santo se despendera do involuero terreno para ultrapassar os hombraes da eternidade. Tem a altura de 1 metro pouco mais ou menos, e representa o Apostolo com o braço esquerdo estendido, a mão meio curvada e o index elevado no acto de proclamar a fé.

Ao monte em que está situada a capella e a sepultura de S. Francisco Xavier, chamam os chinas *Sai-ho-shan* (muito bom monte) e á bahia, dão o nome de *shan chau tou* ou «tanque das tres ilhas», crê-se que em rasão de haver effectivamente tres pequenas ilhas d'um lado d'ella.

As duas ilhas que ficam na sua entrada chamam-se *Ping-chau* e a montanha ao longe, que fica fronteira á sepultura do Santo, *Ha-chun* ou «corrente inferior».

Durante a ultima guerra franco-chineza, as guerrilhas ou hordas de bandidos que infestavam os dois kevango não pouparam á sua pilhagem, vandalismo e devastação quer a residencia dos missionarios quer a propria capella, a que até chegaram a roubar as venezianas de madeira das suas janellas e o sino.

Em 5 de maio d'este anno ainda não tinha nem um nem outras, mas o padre residente e os chinas haviam tido o bom gosto de as suprir por paninho, engrinaldando galharda e agradavelmente todos os porticos de vistosas e lindas flores que admiravelmente se casavam com o ambiente perfumado da ilha, o esplendido panorama que ella offerece aos olhos do forasteiro extasiado, a opulencia exuberante do seu arvoredo e vegetação, e um ceu azul, sereno e limpo, e como que convidando as alegrias do coração a inspirarem-se nas galas da terra.

Foi com saudade que todos demos a ultima despedida a este lugar formosissimo que a natureza capricha em aureolar com a dupla coroa de uma verdura luxuriante de seiva e belleza e o mystecismo suave, dulcissimo, terno, consolador que a crença nos infunde nos seios com esses sentimentos gratos que a crença brandamente nos aviva com o acariciador bafejo das doces emanações da fé.

A 1 hora da tarde do dia 5 abria de novo o *Honam* larga esteira nas vagas em direcção a Macau, aonde chegamos ás 6, e d'alli regressávamos a Hong-Kong, com uma viagem felicissima.

alegre e deleitosa, desembarcando aqui ás 9 horas e meia da noite, mas não sem viva saudade e a mais vigorosa tenção de continuarmos no anno seguinte, e nos mais por que as parcas nos conservarem a existencia, esta romagem ao tumulto d'esse grande vulto do christianismo que o mundo conheceu sob o nome de Francisco Xavier, e que com o seu verbo inspiradissimo, a sua dedicação sublime por Deus e pela humanidade, traçou em todo o oriente mais brilhante epopéa dos que os mais valentes e brilhantes capitães com a sua espada invencível, tendo por arma a cruz, por lemma a religião em toda a sua pureza, conquistando almas com o Evangelho edificando-as com o seu exemplo inimitável. Até ao anno, pois.

De V.

Muito Attento Venerador, etc.

C.



## AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO PAQUETE «PORTUGAL» DAS «MESSAGERIES MARITIMES»

Mais um esplendido barco com que a companhia das Messageries Maritimes acaba de enriquecer a sua esquadra de paquetes, composta de mais de trinta vapores que regularmente sulcam desde o Mediterraneo até ao Mar Negro, aportando ás terras de Portugal, da America e da China, da Africa e da Australia, da Nova Caledonia e da Reunião, de Madagascar e da Mauritania, do Senegal e do Amazonas.

Uma navegação vasta, como vastos são os seus navios, os maiores que cruzam os mares n'este serviço transatlantico de paquetes, que Portugal muito especialmente alimenta com o seu grande movimento de passageiros para o Brazil.

O paquete *Portugal* tem quasi o mesmo aspecto que os outros vapores das Messageries a sua armação não difere dos outros paquetes d'esta companhia, mas a sua capacidade é maior.

Mede o *Portugal* 135 metros de comprimento, tendo a roda de proa direita e medindo na flutuação 140<sup>m</sup>.20 de roda a roda. No pontal tem 11 metros e na caverna mestra 14 metros. A sua deslocação é de 7:720 toneladas.

As suas machinas são de triplice expansão, da força de 4:800 cavallos, garantindo uma marcha maxima de 16 a 17 milhas ou a velocidade normal de 14 milhas por hora.

As caldeiras são de aço em folha, comprehendendo quatro corpos, tendo cada corpo seis fornalhas oppostas.

O helice, de pás de bronze, é de um novo sistema de Mr. Reibec director dos estaleiros de *La Ciotat*, onde este famoso barco foi construido.

Tem este paquete diversas innovações que garantem tanto a sua solidez e vantagens para a navegação, como a commodidade dos passageiros, tem principal a que se destina, pois que accomoda 210 passageiros de primeira classe e 726 de convez, occupando estes ultimos toda a proa na primeira e segunda coberta, com a ventilação necessaria por meio de ventiladores tubulares e vigias no costado do navio.

Um esplendido salão de musica assenta sobre o convez á ré. Por baixo está o salão da primeira classe artisticamente guarnecido com quadros de marinhas e de natureza morta, devidos a reputados pintores: Courdanan e Rousseau. Este salão é illuminado por 76 lampadas electricas, systema Edison.

Os helices destinados aos passageiros de 1.<sup>a</sup> classe, occupam toda a ré e parte do centro do navio, convenientemente ventilados, e com todas as commodidades, incluindo campainhas electricas e lanterna electrica em cada camarote.

Para uso d'estes passageiros tem tambem magnificos quartos de banho, tanto para homens como para senhoras.

As mezas de refeição são para 4 e 5 talheres, podendo reunir-se e formar mezas maiores conforme as necessidades ou gosto dos passageiros. As cadeiras são girantes e offerecem toda a commodidade possivel.

As cozinhas ficam para a proa, distantes das accomodações dos passageiros. Tem uma camara frigorifera, systema Hall, onde se fabrica o gelo e se conservam certos mantimentos. Na proa do navio ha as accomodações onde vão os animaes vivos destinados á alimentação dos passageiros.

A illuminação completa d'este barco comprehende 500 lampadas de systema Edison, produzida por dois dynamos triplices de Mr. M. Sauter Lemonnier, sendo cada dynamo posto em movimento por uma pequena machina a vapor Compound a pilão, do typo das Messageries Maritimes.

E este magnifico paquete que vai fazer carreiras para o Brazil e a que a companhia das Messageries Maritimes deu o nome de *Portugal*.

O *Portugal* veio ao Tejo em viagem de experiencia nos fins do mez passado, e agora comprehende a sua primeira viagem transatlantica, entre a Europa e a America brasileira.

## EMILIO DIAS

Em Portugal é raro que os homens de verdadeiro merecimento obtenham outra recompensa dos seus serviços que não seja uma menção honrosa na imprensa periodica, e essa mesma, quando se faz, não logram elles muitas vezes lè-la porque, ao apparecer em publico, ja elles sahiram d'esta vida.

Por nós, julgamos-nos feliz por se nos proporcionar o ensejo de registrar nas paginas d'esta util publicação o nome de um dos homens mais sympathicos que conhecemos.

O sr. Emilio Dias, cujo é o retrato que vem aqui reproduzido, deve ficar seriamente incomodado pela surpresa que ousamos fazer de lhe pôr em publico retrato e nome. Porque o sabemos, d'aqui mesmo lhe pedimos perdão, mas confessamos a nossa impenitencia, e temos a certeza de que os poucos que o conhecem nos não de dar inteira razão. O unico pesar que nos magoa é sabermos quão pouco competente somos para o apresentarmos condignamente; mas d'isso não temos nós a culpa nem é essa uma razão para nos ficarmos em silencio. Se a acção é boa e justa, cada um a faça como pode e sabe.

E agora não se imagine que vou escrever a biographia do sr. Emilio Dias. Não censuro os que escrevem biographias em vida dos biographados; lá têm de certo suas razões; mas são tão variados os accidentes da vida humana que não me parece que se possa escrever com segurança, já não digo com imparcialidade, acerca de um individuo que ainda ninguem sabe se completará e aperfeiçoará, ou se arruinará e desacreditará a parte conhecida da sua vida. E não posso esquecer aquelle dicto tradicional de Solou, quando se recusava a chamar feliz ao rei mais poderoso e opulento dos seus tempos. Não passará o que escrevemos de uma menção ou breve indicação dos meritos do sr. Dias, a qual talvez venha mais tarde a ser aproveitada, se antes não apparecer escripto melhor, por quem com mais competencia se encarregue de lhe escrever a vida.

Nasceu em Lisboa a treze d'abril de 1851. Aos onze annos entrou como alumno no internado do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e em pouco tempo começou a dar provas da sua applicação, estudo e talento, distinguindo-se particularmente na construcção de instrumentos de precisão e na analyse chimica. As provas que deu na primeira abriam-lhe entrada em 1872 para o lugar que ainda hoje exerce na companhia do gaz. As da segunda fizeram que fosse escolhido para preparador de chimica organica na Eschola Polytechnica, logar pouco habituado a ver-se em mãos de peritos portuguezes, pois que ainda hoje é servido por chemicos allemães. Esteve allí tres annos.

Indiquemos alguns de seus trabalhos:

1.<sup>o</sup> Analyse das tres qualidades de gelo á venda em Lisboa.

2.<sup>o</sup> Memoria sobre a fabricação do asphalto por meio de um calcareo betuminoso analysado pelo ex.<sup>mo</sup> sr. conselheiro Antonio Augusto de Aguiar.

3.<sup>o</sup> Parecer sobre a probabilidade de se produzir cal hydraulica com um calcareo analysado no consultorio de engenharia civil.

4.<sup>o</sup> Considerações sobre a applicação como estrume da agua ammoniacal proveniente da destillação da hulha nas fabricas do ...

5.<sup>o</sup> Analyse da agua da Serra de Gerez.

Já não é pequena prova da sua assiduidade no trabalho e do seu talento e do desejo de ser util á companhia a cujo serviço tem estado a lista que acaba de ler-se; mas não se contentou com isto; um dia apparece-nos inventor, e os seus inventos são ainda no interesse da companhia, que está empregando com grande vantagem o *manometro electrico* e o *indicador do exgotto em pressão* do laborioso engenheiro.

O que porém a nossos olhos realça mais o merecimento do sr. Emilio Dias é a sua modestia e desinteresse. São sentimentos estes que encobrem, e quantas vezes abafam de todo, o valor real de quem os possui. Mas para quem conhece este, que relevo lhe dão, a que enorme altura o levam!

O inventor não só não privilegiou estes seus inventos, mas cedeu-os gratuitamente á companhia do gaz.

Inventou ainda mais o sr. Dias o *regulador de pressão antomanometro*, experimentado e ensaiado com o melhor resultado pela companhia de carris de ferro de Lisboa em 1881, mas que, talvez por ter sido privilegiado, não passou do ensaio e experiencia. A descripção d'estes inventos acha-se n'um folheto impresso em 1885 e que, salvo um ou outro exemplar, não sahio das mãos dos accionistas da companhia. De um d'eles aproveitou eu a occasião para agradecer aqui ao auctor a offerta com que então me honrou.

Estamos tão costumados a ver a indifferença com que tractam entre nós aos homens de merecimento aquelles que ou por sua competencia ou ainda por gratidão lh'o deviam reconhecer e os deviam apontar ao menos como benemeritos, que não nos causou a menor estranheza o sabermos que a primeira recompensa honorifica que o sr. Dias recebeu pelos seus trabalhos, foi um paiz estrangeiro que lh'a deu. Em 1879 foi o nosso laborioso compatriota nomeado socio activo da Academia Chimica de Berlim.

Parece que era precisa a chancellia estrangeira para que se não envergonhassem os nossos de manifestar o seu apreço pelo modesto trabalhador, ou antes para que se envergonhassem de o não terem feito ha mais tempo. Em 1881 foi nomeado socio honorario da sociedade pharmaceutica de Lisboa. Em dezembro de 1882 era chamado a fazer parte de algumas commissões importantes na Sociedade de Geographia, e mais tarde da commissão de illuminação e balisagem maritima da mesma Sociedade. Ultimamente e ainda no presente anno foi nomeado socio correspondente da primeira classe da Academia das Sciencias de Lisboa.

Não queremos levantar a penna sem registarmos uma das primeiras provas que deu da sua pericia em trabalhos de construcção de instrumentos de precisão. Reproduzimos a tal qual nos foi contada por seu irmão e nosso particular amigo o sr. Alfredo Dias, outro trabalhador incansavel e prestimoso, a respeito de cujos trabalhos de sciencia e propaganda gymnastica publicaram ha pouco a *Medicina Contemporanea* e o *Correio Medico* um juizo de justo apreço e merecido louvor.

Um dia foi confiado a um moço, para o conduzir a certo ponto, um theodolito que o conhecido oculista Ribeiro havia emprestado ao fallecido Costa Ramos, sub-director da officina de instrumentos de precisão do Instituto Industrial. O desastrado moço deixou cair o aparelho e fez-lhe uma mozza na escala. Emilio Dias, vendo o seu superior afflicto por julgar o aparelho inutilisado e não ter dinheiro para pagar, disse-lhe que se comprometia a concertal-o, sem que se pudesse conhecer defeito á vista desarmada.

Costa Ramos olhou para elle, admirado e cheio de duvida. Conhecendo-lhe porem a aptidão, accedeu, impondo-lhe como condição fazer o trabalho á sua vista. Ao fim de oito horas de um trabalho preciso e paciente a mozza tinha desaparecido, sem que se percebesse onde tinha existido, e Costa Ramos abraçava o discipulo que tinha supplantado o mestre.

A esta e outras provas da sua muita aptidão para este genero de trabalhos deveu elle, como já dissemos, a sua entrada na companhia do gaz; porque em 1872, encontrando-se no Gremio Litterario o fallecido academico Daniel Augusto da Silva, que então era um dos directores da companhia, com o sr. José Mauricio Vieira, director da officina de instrumentos de precisão do Instituto Industrial, pediu a este que lhe mandasse para a companhia do gaz o rapaz mais habil e intelligente que tivesse na officina para estudar a industria do gaz. O sr. Emilio Dias foi o escolhido para tal missão, e nunca mais sahio da companhia.

Ahi ficam estes escassos apontamentos. Servirão acaso de incentivo aos que estudam e trabalham, e de satisfação aos que tem devidamente apreciado um caracter por tantos titulos respeitavel. Nós ficamos contente, porque cumprimos um dever, honrando o merito.

Lisboa, 10 de julho de 1887.

A. L. dos Santos Valente.

## EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES XIV EXPOSIÇÃO

(Continuação)

O «Campino», um quadro de Silva Porto, um quadro do mestre, uma reminiscencia dos «Campinos», uma reprise de figura d'este quadro, feito

golpe de vista, rapido e justo, que não o atraiçoa, é que lhe dá a impressão real e positiva dos seus quadros.

E é sob esta influencia que os seus discipulos se adestram e estudam, e produzem já umas telas deliciosas como a «Paizagem em Queluz», o melhor quadrinho do sr. Antonio Francisco Baeta. Muito justo, muito verdadeiro na cor, na luz, sem liberdades exaggeradas nem restricções mesquinhas, e só é pena que estas qualidades se não sustentem nos outros quadros que expõe, em que só a «Praia do Alfeite» resiste melhor.

Se estamos na praia é claro que temos o mar na nossa frente, esse grande deserto d'agua onde o sr. Jeronymo Banhos foi procurar o motivo dos seus quadros, umas pequenas telas de amator que o é, mas um amator que sabe do seu atelier para ir impressionar-se na natureza, livre e altiva.

O mar!

O inspirador de todos os horrores e de todas as alegrias; que nos horrorisa tanto quando a tormenta rugir e as suas extensas planicies se cavam em enormes valles, como sepulturas hiantes,

de almagre, onde não veceja sequer uma serralha, partida em torrões muito symmetricos, postos ali cautelosamente, que nem os pés de dois homens, que muito serenamente seguem o arado, tem poder de os separar desordenadamente.

Se os homens tambem pouco se mechem, e muito menos cantam ou gritam aos pachorrentos bois que tiram o arado.

Os bois; esses sim, desafiam as marradas dos seus semelhantes, tem toda a verdade do modello, principalmente no tom; e é o tom que o sr. Carlos Augusto Xavier, auctor d'este quadro «Fins de Dezembro» e discipulo da Academia, vê melhor, a par de certa correcção no desenho, o que uma e outra cousa deve dar um bom artista se continuar a estudar e a seguir os conselhos do mestre, como parece que os seguiu n'este quadro, pois que os outros que expõe valem pouco.

E demos uma volta pela segunda sala d'onde inda não sahimos, e vamos encarar com um magnifico quadro de João Vaz «Em Dezembro», que é um dos melhores que este artista tem exposto d'esde que a sua individualidade se prin-



COLLEGIO DOS MISSIONARIOS EM SANCHOAN, Vidé artigo Romaria a Sanchoan

(Segundo uma photographia)

á ultima hora, para honrar a exposição onde figuram tantos discipulos seus, que o honram a elle—ao mestre.

Mas não é o «Campino» quadro por onde se deva julgar o artista, que aliás tem grandes telas e pequenos quadros, que já fizeram a sua reputação de primeiro pintor paisagista e animalista entre a moderna pleiade de artistas portuguezes.

Aquella figura isolada, no meio da campina, precisava de ser mais cuidada, e o modelo recente-se de não ser um campino a valer, authentico. De resto, o quadro tem ar, tem vastidão, mesmo dentro da estreiteza da tela.

E Silva Porto só expõe mais dois quadros de paisagem, dois pedaços de natureza alegre que impressionaram o pintor e que impressionado os reproduziu, com toda a magia do seu pincel, onde será difficil descobrir o contorno de uma folha ou de uma pedra, mas onde a natureza vive realmente, com todos os seus caprichos, com todas as suas expansões livres, n'essa confusão apparente, que é a grande harmonia da vida.

Está n'isto o segredo de Silva Porto. O seu

quanto nos alegra quando nos deixa gozar o maravilhoso espectáculo da natureza pacifica e generosa, illuminado desafogadamente pelo sol suspenso sobre a sua grandeza, deixando ver na distancia o ligeiro esfumado da terra ambicionada, onde nos vae depôr, mansamente, sobre o seu dorso de crystal.

E a este elemento, que tem em si todos os motivos das grandes impressões sensibilisadoras, que o sr. Banhos foi arrancar os seus quadros; mas poz de parte o drama, as tempestades, e preferiu a bonança; o vento fresco ou mesmo rijo empavezando as «Gaveas rizadas»; os effeitos de luz do «Pôr do sol no Tejo»; os pequenos barcos costeiros «Muleta (entre cabos)» e «Cahique (Cabo de S. Vicente)» etc., e sob uma nota «violacia, que não lhe podemos perdoar, movimento: as ondas do salso elemento com certa verdade, observada e bem vista, com transparencia e frescura, que não deixa duvidas que é mar o que o seu pincel teve intenção de reproduzir na tela.

Deixemos o mar e vamos para a terra.

Um pedaço de terra ligeiramente avermelhada

ciçou a manifestar nas festejadas exposições do Grupo do Leão.

O tom d'esta pintura traz-nos á memoria aquelle famoso quadro de Alfredo Andrade «O pantano».

E á primeira impressão, que depois reconhecemos logo o auctor com a sua pronunciada paixão pela pintura de marinhas, que pinta muito melhor que a paisagem ou a architectura, de que «A Senhora da Oliveira (Guimarães)» é uma prova que vem reforçar o nosso juizo.

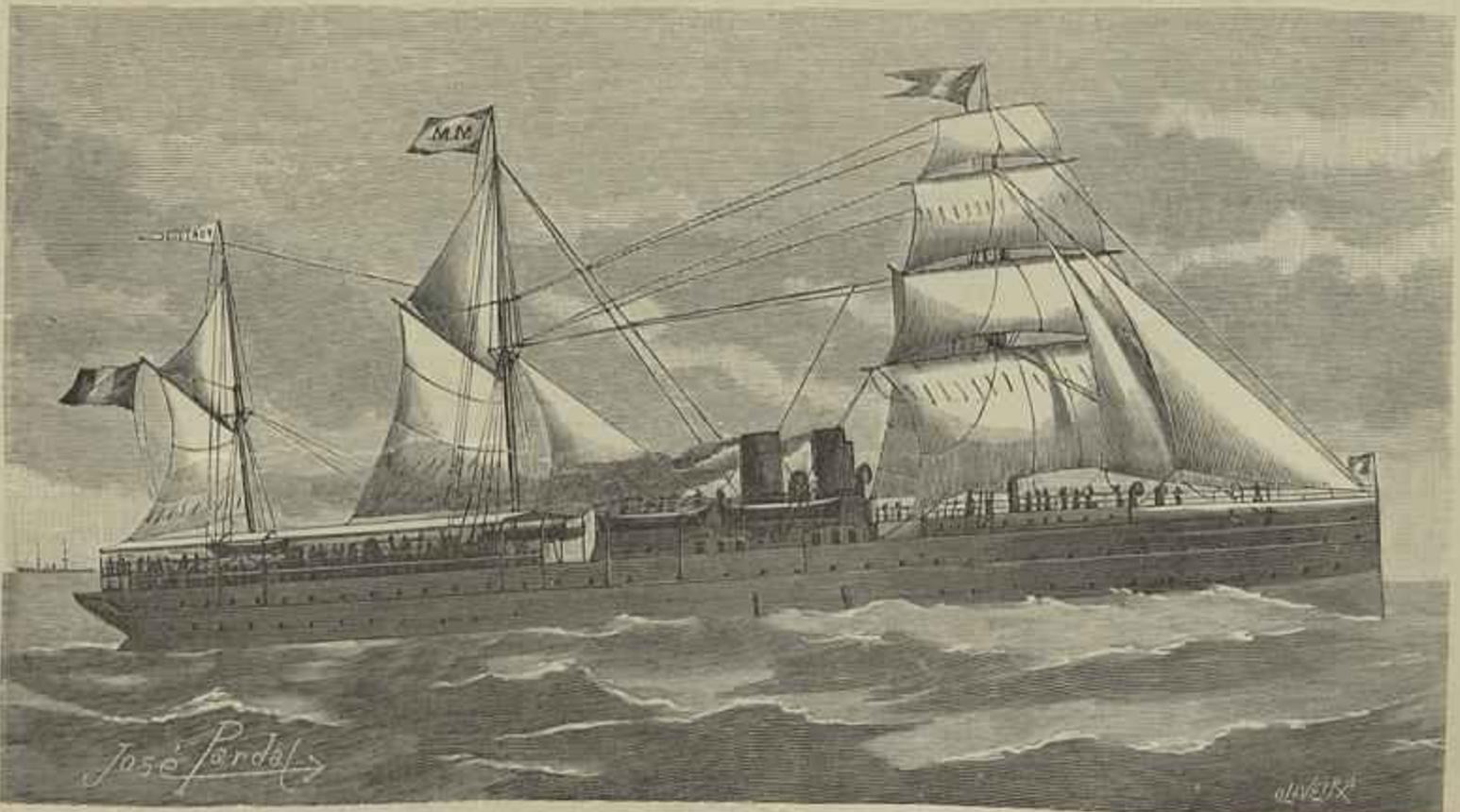
Se percorrermos a numerosa galeria de quadros do sr. Vaz, encontramos sempre as mais gratas impressões nas suas marinhas, sem deixarmos de notar o visível progresso que este artista revela de exposição a exposição.

Mas a architectura é tyрана; não perdôa a agudeza do contorno, o rigor de um angulo, a mathematica de uma linha perspectica, a vertical de uma prumada, e muito embora o tom seja justo e o ponto de vista bem escolhido, se não obedecer áquellas leis, o quadro cabe pela base, sem figura de rhetorica.

E esta difficuldade ingrata de vencer, que faz recuar muitos pintores ante a severidade da



CAPELLA DE S. FRANCISCO XAVIER, EM SANCHOAN, LOGAR DO SEU PRIMEIRO TUMULO. Vidè artigo Romaria a Sanchoan  
(Segundo uma photographia)



O PAQUETE «PORTUGAL» DAS «MESSAGERIES MARITIMES»

(Desenho do natural pelo artista amador sr. José Parda)

architectura resistente, difficuldade que o sr. Vaz tem vencido em parte em alguns dos seus quadros, mas em que não triumphou como nas suas marinhãs.

E agora regosigemos os olhos com variegadas flores que vivem n'umas deliciosas telas, pintadas pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Josepha Garcia Greno, uma hespanhola que esposou um portuguez, o sr. Greno.

Um casal de artistas.

Sem rivalidades.

Casados para o amor e para a arte.

Ella cultivando as flores dos seus quadros, que nascem debaixo do seu pincel, com espontaneidade, com colorido, com viveza e graça natural, n'umas composições imprevisas, como «Um ninho de flores» e tantos outros quadros que rescendem o aroma das rosas e dos lilazes.

Elle cultivando o retrato com certa distincção, muito principalmente no de M.<sup>ms</sup> Nascimento, uma cabeça primorosamente pintada, com frescura, suave, destacando-se do fundo, sem dureza, muito melhor que «Las Pataneras», uma hespanhola que, sentada nos degraus da sua porta, entre uns vasos de flores, dedilha na viola com a qual se não sente a vontade, n'uma posição a que mostra estar pouco habituada, e que o redondo do desenho torna ainda mais sensível, alem da perspectiva não illudir o sufficiente para que a figura se despege do fundo.

Ufa que nos ia custando concluir este periodo; mas muito mais nos custa ver uma pintura encarrapitada por cima da «Las Pantaneras» que o catalogo diz ser um «Quadro decorativo».

Deixal-o.

O auctor d'esta obra tem na exposição coisa melhor; um quadro velho, feito antes da sua estada em Paris. Sim, porque o sr. Gameiro esteve em Paris, e se estudou ou não, isso só elle o sabe, ou qualquer indiscreto.

Nós não.

O quadro é uma cabeça de velha encostada ao seu bordão, e que parece furtar-se ás vistas dos curiosos lá para um canto da sala, lá muito em cima, onde a luz a não favorece; mas que resiste valorosamente a todos estes contratempos, e os nossos olhos lá a vão descortinar na sua modesta posição, com o interesse que os move de achar mais que louvar do que condemnar.

Se a transparencia da tinta que se observa n'aquella cabeça, se a expressão bem sentida e a harmonia consituem a belleza d'este quadro despretencioso—um estudo, é certo que estas qualidades não se reproduzem em outras telas do mesmo artista, nem mesmo quando nos apresenta a sua «Santa Genoveva», que nós não tivemos a ventura de conhecer, mas que enfim, o ideal serafico que nos deve acompanhar sempre que pensamos em santos, nos não dá aquella velha regateira que temos vagas reminiscencias de ter visto de canastra á cabeça.

Ora porque é que o sr. Gameiro não escolheu outro modelo? Um modelo apropriado. Os seus «coelhos», por exemplo, foram muito melhor escolhidos e muito melhor pintados.

É verdade que os coelhos não tem aspirações a santidade. A sua unica ambição, ou melhor a nossa, é saboreal-os com um bom molho condimentado.

(Continua.)

Xylographo.

## CONFERENCIA

Recentemente, os professores primarios de Lisboa inauguraram uma serie de conferencias, feitas por distintos homens de letras, como Theophilo Braga, Pinheiro Chagas, etc.

Se porventura este facto é valioso como larga contribuição para o nosso aperfeiçoamento intellectual,—é de valor quasi inestimavel, como symptoma que vem revelar, consoladoramente, a elevada comprehensão luminosa que os nossos professores primarios tem, não só do seu destino social, mas do principio associativo,—verdadeiro, simples, generoso.

No dia 3 de julho, effectuou-se a terceira d'essas conferencias, feita, como as precedentes, na sala nobre do palacio municipal. Fallou Theophilo Braga, historiando as transformações do ensino,—correlativas sempre de transformações politicas,—desde os tenebrosos mysterios impenetraveis dos gremios sacerdotaes do Egypto e da India, até ás polytechnicas da Convenção,—e esboçando com uma tinta suave n'um fundo limpido e quasi transparente,—qualquer coisa

como um azulejo,—a constituição social definitiva, e a organização do ensino publico n'essa época venturosa, que trinta seculos de historia nos auctorizam a prever.

Indiquemos, ao de leve, o percurso que o distincto conferente seguiu.

Para que o ensino não seja apenas uma serie de regulamentações, é indispensavel que uma idéa superior e dominante dirija a sociedade.

A *theocracia*, que realizou a mais perfeita harmonia das consciencias, seguiu-se a *critica*. Os credulos são substituidos pelos convictos. Mas, como a critica divide as opiniões, o ensino só teve unidade sob o dominio da *theocracia*.

A revolução do fim do seculo xviii não teve tempo de dar forma definitiva ao poder temporal e ao poder espirital; não teve tempo de edificar. Por isso, uma organização social transitoria, em que se procura enxertar o mundo novo no mundo velho, e que é symbolizada na politica pelas cartas constitucionaes,—prolonga o criticismo negativista, o individualismo anarchico. É a nossa época.

É evidente, portanto, que não pôde haver n'ella um systema completo e harmonico de educação, e que o professor,—simplex serventuario a quem se paga,—é quasi sempre bem comparavel ao sachristão, que abre a porta da igreja, toca os sinos e accende as velas, mas não percebe nada dos dogmas.

Antigamente, a educação derivava d'um pensamento dominador; hoje, deve conduzir para elle.

O homem é instrumento de tres cordas,—affecto, intelligencia e actividade,—que devem estar sempre afinadas pelo mesmo diapásio. A evolução social foi incompleta no Oriente, porque o sentimento era dominador exclusivo; na Grecia, porque a *intelligencia*, activa e triumphante, só concedia o predomínio á critica, demolidora e separatista; em Roma, porque foi apenas actividade essa famosa civilização.

Quando o destino da actividade romana se realizou completamente, Roma transforma-se no mundo medieval. Então a igreja, predominando pelo sentimento, harmonisa a civilização dispersiva da idade média. O ensino dá-se nas *collegiadas*, até que os reis, vendo a larga influencia da educação, fundam as *universidades*. Querem que os discipulos d'ellas tornem cada vez mais forte e prestigioso o poder real, exactamente como os discipulos das collegiadas avigoram e por vezes illustram a igreja.

No seculo xvi as universidades passam das mãos dos humanistas para as mãos dos jesuitas. A revolta individual de discipulos notaveis,—Luthero, por exemplo,—vae, porém, abrindo brechas n'este ensino, que é afinal substituido, no tempo da Convenção, pelo das *polytechnicas*.

Mas a forma definitiva do ensino publico deve ser aquella em que as diversas sciencias estejam dispostas n'uma hierarchia, caminhando-se, naturalmente, das mais simples e vastas para as mais restrictas e complexas;—aquella em que os diversos graus do ensino,—elementar, médio e superior,—sejam perfeitamente eguaes em extensão e apenas variem de intensidade, de maneira que a simples-instrução elementar seja toda uma educação; aquella, enfim, que nos conduza para a idéa que deve tornar-se dominadora,—a idéa de *sociedade*.

Quando esta concepção, idealizada, mas real, nos dirigir, haverá a mais perfeita harmonia do affecto, da intelligencia e da actividade; teremos amor, elevado e generoso, e com elle, a ordem e o progresso.

José Pessanha.

## ANTONIO LOPES MENDES

E O SEU LIVRO «A INDIA PORTUGUEZA»

(Continuado do n.º 310)

Referem tambem os mythologistas goanezes que Budha era filho de um poderoso rajah; que fóra educado no luxo e opulencia oriental; mas que na idade de vinte e oito annos, operando-se uma grande mudança nos seus sentimentos, viu as dores moraes, as enfermidades physicas, e a morte a aguar todos os prazeres da vida; a miseria dos homens commove-o, e fal-o desprezar as riquezas e a gloria da dignidade real. Abandonando a sociedade dos homens poderosos, procurou a solidão para meditar sobre os meios de

libertar as creaturas de suas acerbas dores. Convivendo com os brahmanes solitarios, mas não se conformando com as doutrinas do brahmanismo, concentrou-se em si, e, á força de profundas meditações, adquiriu a suprema sciencia e a qualidade de Budha. Alguns gentios affirmam que não desprezou tão inteiramente as honras da realza, como seus sectarios pretendem, se não que intentou arrebatá-las e o poderio brahminico, proclamando-se representante da Divindade, como sua emanação celeste, poder absoluto e irresponsavel, guarda da verdade civil e religiosa, e sendo então perseguido pelos defensores da religião brahminica, se refugiou com seus discipulos em Ceylão, d'onde passou ao Thibet, á Tartaria e á China, estabelecendo em cada uma d'estas regiões seu culto, que não é mais que uma forma do brahmanismo, que tentou derrubar, arvorando-se em chefe religioso.

DECIMA ENCARNACÃO. *Calunquy avatar*.—A decima e ultima encarnação de Vishnú, denominada *Calunquy*, dizem os gentios que ha de succeder no fim da presente idade do nosso planeta, segundo o seu systema cosmographico. Conforme os Vedas, affirmam elles que o universo, quando terminar a epocha em que vivemos, chamada *Caluyuga* ou *Calunquy*, e que é computada em quatrocentos e trinta e dois mil annos, dos quaes se acham volvidos quatro mil novecentos e sessenta e sete, passará a ser um montão de vapores, uma força espalhada, vaga e tenebrosa, como aquella d'onde safu o germen da humanidade, voltando ao estado de *pralaya* (cabos).

Esta acção será executada por Shiva ou Mahiés. Então Vishnú, como se vê da estampa, apparecerá sobre a terra montando um cavallo branco alado. Em uma das mãos terá uma espada, na outra o checrá, e na terceira o buzio xenco. N'esta terrivel figura, e ao clangor do xenco chamará a juizo final os perversos, que destruirá. O sol e a lua se obscurecerão, a terra tremerá, as estrellas cairão, a serpente sexa, vomitando fogo, queimará todos os mundos, e todos as creaturas perecerão para deixar o logar a outros systemas de mundos, a outros soes, outros astros, outras terras, mares, plantas e animaes, que serão novamente creados por Vishnú, para continuarem a historia universal e eterna.

Dizem as tradições brahminicas que Brahmá dividira a duração do universo em quatro *yugas* ou epochas.

A primeira, denominada *Critayuga*, comprehendeu um milhão setecentos e vinte e oito mil annos. N'esta epocha os homens eram altos e robustos, e viviam longos annos, sempre saudaveis e na melhor harmonia; a terra produzia vinte e uma por uma semente; as alfaias domesticas e ruraes eram de ouro que a terra produzia em abundancia, mas que ninguem apreciava. O que então se estimava eram as pedras preciosas, que passavam por moeda corrente.

A segunda epocha, chamada *Tritayuga*, abrange um milhão duzentos e noventa e seis mil annos. Foi n'esta epocha que o genero humano se multiplicou, e se manifestou a ambição e a malicia, fazendo escassear o ouro, que era accumulado pelos mais fortes, dando logar ao apparecimento da prata, até então desconhecida. Começou a enervar-se sensivelmente a organização do homem, pela avidéz com que os ambiciosos pretendiam enthesourar o ouro, que passou a ser reputado uma preciosidade, sendo por este motivo que se ficou denominando *epocha do ouro*.

A terceira, designada *Duapar*, computa-se em oitocentos e sessenta e quatro mil annos. N'esta epocha augmentou consideravelmente o genero humano, e com elle crescera a fraude, a avareza, o odio, as inimidades e as vinganças, cujo resultado foi enfraquecerem progressivamente os corpos humanos, e tornarem-se sujeitos ás necessidades e enfermidades provenientes do conjunto d'estes sentimentos desorganizadores. Sendo a prata introduzida no commercio como moeda corrente, chamaram a esta epocha, *epocha da prata*.

A quarta, denominada *Caluyuga* ou *Calunquy*, que é a epocha em que vivemos, comprehende a existencia de quatrocentos e trinta e dois mil annos, dos quaes, como já tivemos occasião de dizer se acham volvidos quatro mil novecentos e sessenta e sete. Diz-se que tendo a maldade e a perfidia tomado maiores proporções n'esta epocha fóra desterrada a *verdade* para as regiões ethereas, e, que sendo a moeda de prata substituida pela de *calaim*, lhe detam o nome de *epocha de ferro*.

Terminada esta epocha, voltará o universo ao primitivo estado de *pralaya*. Nos ultimos doze annos a terra tornar-se-ha esteril, assim como todos os seres animados, que pouco e pouco



andavam apanhando as mantas e os chapéus, que tinham ficado pelo chão. Tudo se tinha escapulado. Não que não houvesse ali muito homem valente, mas respeitavam o Manuel David. Onde elle apparecia era sempre assim.

— E o capitão?

— Ai, senhores, o homem parecia que não cabia em si de contente! Vinha esbaforido á procura do David. Apenas o viu, correu e agarrou-se a elle aos abraços, e quando socegou mais, mettu a mão ao bolso, tirou um punhado de meias coróas, e deu-lhas.

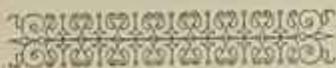
— Toma lá, toma, que bem as mereceste. E depois, voltando-se para mim e para os que estavam ali, disse: Isto foi um homem, é um homem, e ha de sempre ser um homem. Já não ha vacas que tenham d'estes bezeros!

— Aqui teem os senhores uma de S. Quintino, como lhe chama o sr. Alfredo. Queiram desculpar, se a não disse bem, mas assim é que ella foi, e com esta me vou. Até logo. São horas de dormir. Muito boas noites.

Um velho relógio inglez preludiava a um canto da casa um menuete, e ia dar dez horas.

(Continúa.)

Zacharias d'Aça.



## RESENHA NOTICIOSA

**HENRY MAYHEW.** Falleceu em Londres, Henry Mayhew, director do *Punch*, notavel periodico de caricaturas que elle ha quarenta e seis annos dirigia.

**MORTE DE DEPRETIS.** O telegrapho deu a triste noticia do fallecimento, em Stradella (Piemonte) no dia 31 do mez passado, de M. Agostino Depretis, o notavel estadista italiano, chefe do partido liberal, e um dos que mais contribuiu para a unidade da Italia. A sua morte pôz em crise o ministerio italiano. Depretis nasceu em Stradella em 1811 e dedicou-se á carreira de advogado, depois de ter concluido os seus estudos na universidade de Turin. Em 1849 entrou na vida official como governador civil de Brescia, e no anno seguinte tomou pela primeira vez assento na camara dos deputados. Em 1862 entrou para o ministerio de Ratazzi, na qualidade de ministro das obras publicas, e em 1866 fez parte do gabinete Ricazoli, primeiro como ministro da marinha, e depois, da fazenda. Pela morte de Ricazoli foi eleito chefe da opposição no parlamento. Encarregado da formação de gabinete, em 1876, tomou a presidencia e a pasta da fazenda. Durou pouco este governo, que ao fim d'um anno cedeu o logar a Cairoli que tambem se não sustentou muito, voltando Depretis a formar novo ministerio de colligação. Este ministerio sustentou-se até 1879, em que foi substituido pelo gabinete Cairoli, mas em que Depretis tomou parte como ministro do interior. Em 1881 foi Depretis novamente encarregado de formar gabinete, que se conservou até junho de 1883, em que deu a sua demissão pela hostilidade da camara á occupação de Massuah. Houve então uma crise difficil de resolver e em que Depretis retomou a direcção dos negocios publicos, formando novo gabinete. São estas as principaes notas biographicas da sua vida politica, cheia de serviços ao seu paiz.

**ANTHERO DO QUENTAL.** Consta que estão sendo traduzidos na Allemanha pelo professor Stook os sonetos de Anthero do Quental.

**ESTATUA DO PAPA URBANO II.** Foi inaugurada em Chantillon uma estatua ao papa francez Urbano II. O monumento tem 21<sup>m</sup>,25 de altura, tendo a estatua 8<sup>m</sup>,30. Foi erigido no proprio terreno do antigo palacio de Chantillon, residencia dos antepassados de Urbano II.

**CAMINHO DE FERRO DE TORRES A LEIRIA.** Foi inaugurado no dia 31 do mez passado o caminho de ferro de Torres a Leiria, que atravessa



EMILIO DIAS

(Segundo uma photographia de Winter)

regiões extremamente pittorescas, a par da sua importancia productiva. Esperamos publicar algumas vistas d'esta nova linha ferrea.

**SOCIEDADE DA CRUZ VERMELHA.** A sr.<sup>a</sup> viscondessa de S. Caetano vae organisar em Vizeu uma delegação da Sociedade Cruz Vermelha, de que sua ex.<sup>a</sup> é socia.



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Regulamento geral e Programma da Exposição Industrial Portugueza na real tapada da Ajuda, que será inaugurada no dia 1.<sup>o</sup> de maio de 1888, sob a protecção de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz.** Lisboa, Imprensa Nacional, 1887. Esta exposição constará de doze grupos, divididos em quarenta e duas classes. Os grupos são: 1.<sup>o</sup> materias primas do reino mineral; 2.<sup>o</sup> machinas, apparatus e processos empregados na transformação das materias primas do reino mineral; 3.<sup>o</sup> productos da transformação das materias primas do reino vegetal; 4.<sup>o</sup> materias primas do reino vegetal; 5.<sup>o</sup> machinas, apparatus e processos empregados na transformação das materias primas do reino vegetal; 6.<sup>o</sup> productos da transformação das materias primas do reino animal; 7.<sup>o</sup> materias primas do reino animal; 8.<sup>o</sup> machinas, apparatus e processos empregados na transformação das materias primas do reino animal; 9.<sup>o</sup> productos da transformação das materias primas do reino animal; 10.<sup>o</sup> industrias complexas; 11.<sup>o</sup> industrias caseiras, exposições comparadas, inventos e descobrimentos portuguezes; 12.<sup>o</sup> instrucção e aperfeiçoamento das classes operarias. N'estes grupos acham-se, pois, incluídas todas as industrias portuguezas, notando nós a ausencia de um grupo de Bellas-Artes, que nunca deixam de figurar n'estes certames. As recompensas que serão conferidas aos expositores que se distinguirem constam de diplomas de honra, diplomas de medalhas de ouro, de prata e de

bronze, menções honrosas. Os productos para serem expostos devem ser enviados desde o dia 1 de fevereiro a 31 de março de 1888.

**Agnarellas,** por Tito Martins. Um pequeno livrinho de pequenos contos, primeiro de uma série d'elles que o auctor se propõe a publicar mensalmente. São tres os contos que este livrinho contém, dois em prosa, um em verso. Umas miniaturas esboçadas, rescendendo voluptuosidade, leitura estimulante, que francamente não nos parece muito de accordo com o programma d'esta publicação onde diz: «... especialmente dedicada ao convívio interno dos *boudoirs* elegantes.» Verdade seja que o serem elegantes não quer dizer que sejam honestos, mas em seguida diz: «digna por todos os motivos de figurar nas *etageres* ainda as mais recatadas.» o que faria se não fossem recatadas.

**Observações practicas, sobre a proposta de reforma judiciaria do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro da Justiça, conselheiro Antonio da Veiga Beirão,** por José Theophilo de Miranda Leone, escrivão de direito da 4.<sup>a</sup> vara de Lisboa. Um folheto de 64 paginas, que, como se vê pela leitura do titulo, prende com a reforma judiciaria, submettida á apreciação do parlamento. Parecem-nos tão justas as observações feitas pelo sr. Leone no sentido de melhorar a posição dos empregados forenses, que estamos certos ellas serão attendidas pelos que teem de dar o seu voto sobre o assumpto.

**Versos e versões,** Raymundo Corrêa. Rio de Janeiro, Typ. e Lith. Moreira Maximino & C.<sup>a</sup> 1887. O sr. Raymundo Corrêa auctor dos *Primeiros sonhos e Symphonias*, publicados em 1879 e em 1883, apresenta agora o seu terceiro livro *Versos e versões*, pelo que se vê que a sua lyra não cança e bem ao contrario se desentranha em saborosos fructos. Prosiga poeta, que entre essa natureza uberrima que o sol vivifica com os seus mais fecundantes raios, a poesia tem o culto apaixonado das imaginações ardentes. Da edição diremos apenas que é luxuosa e que honra o trabalho dos srs. Moreira Maximino & C.<sup>a</sup>, a quem devemos a fineza da offerta.

**Sonetos e Poemas,** Alberto de Oliveira. Rio de Janeiro, imprensa de Moreira Maximino & C.<sup>a</sup> 1886. Um livro que não é novo, mas que só agora nos chega ás mãos por delicada offerta dos seus escrupulosos impressores. Mas o livro não precisa dos nossos encomios porque o nome do seu auctor é a sua principal recommendação, um poeta distincto entre a moderna geração brasileira, cujo nome festejado já passou a linha e veiu ecoar n'este velho continente de Portugal. E como não ha de ser assim, se nós, abrindo o livro ao acaso, encontramos em suas paginas versos como estes:

Emfim... Nas verdes pendulas ramadas  
Cantae! passaros, vinde ouvir-o! rosas,  
Abri-vos! lyrios, rescende! medrosas  
Violetas e áhallas redobradas.

Préstae-me ouvido! Saibam-n'o as cheirosas  
Balsas e as leiras floridas plantadas;  
Aves e flores, fôres e alvoradas,  
Alvoradas e estrellas luminosas.

Saibam-n'o agora! os céos, a esphera toda  
Saibam-n'o agora! Emfim, sua mão de leve...  
Borboletas, que pressa! andaes-me em roda!

Auras, silencio! Emfim, sua mãosinha,  
Sua mão de jaspe, sua mão de neve,  
Sua alva mão pude apertar na minha!

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. CASTRO INDAO — Rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa